

## APRESENTAÇÃO

DEIVID VALÉRIO GAIA

Editor-chefe da *Revista Gaia*  
Professor de História Antiga da UFRJ

O início da primavera romana era celebrado por uma festividade chamada Florália (os *ludi Florales*), em homenagem à deusa ninfa Flora, esposa de Zéfiro. Flora está ligada ao florescer, ao brotar, pois Zéfiro afirmou: “Deusa, és das flores soberana”<sup>1</sup>. No entanto, não são só flores que ela faz brotar. Ovídio relata que, certa vez, a deusa Juno ficou muito irritada porque Minerva nasceu da cabeça de Júpiter sem a sua ajuda; a deusa, então, preferiu ter seu filho sem qualquer auxílio masculino. Juno, levada pelo seu desejo de independência, procurou várias divindades e prometeu revirar o Tártaro e os mares, mas não logrou sucesso inicial. Até que, depois de procurar, encontrou Flora, de quem recebeu uma singela flor, que somente ao tocá-la, delicadamente, gerou um menino que nasceu de uma mãe casta no florido mês de março, na primavera, sem um toque viril: esse menino era o deus Marte<sup>2</sup>, e seu nome abre a primavera no hemisfério norte<sup>3</sup>, primeiro mês do calendário romano. Em homenagem aos poderes de Flora, instituíram-se os *ludi Florales*. Pelo conjunto de sua representação mitológica, Flora é símbolo auspicioso do Laboratório de História Antiga da UFRJ, cuja imagem, inspirada no afresco pompeiano da Villa Arianna, estampa a parede principal da sala do LHIA no Instituto de História da UFRJ<sup>4</sup>.

É por isso que, na UFRJ, há quase 30 anos, durante todas as primaveras brasileiras, festejamos, ao nosso modo, a Florália, com o Ciclo de Debates em História Antiga, organizado pelo LHIA, que ao longo dos anos — sob a égide de Flora —, consolidou-se como um importante espaço de florescimento e sementeação de conhecimento em torno da Antiguidade. Logo, aqui no hemisfério sul, as nossas Florálias tradicionalmente se dão entre setembro e outubro e elas têm como objetivo principal abrir espaço para o florescer de jovens pesquisadores e fomentar o diálogo generoso e profícuo com conceituados especialistas nos ofícios de Clio e de outras musas apolíneas, filhas de Mnemósine, a Memória. A preocupação com o conjunto das musas faz de nossas Florálias festas interdisciplinares.

1 Ovid., *Fast.*, 5. 212. “Arbitrium tu, dea, floris habe”.

2 Ovid., *Fast.*, 5. 230-275.

3 Ovid., *Fast.*, 1. 39. Martis erat primus mensis Venerisque secundus. O primeiro mês era de Marte, o segundo o de Vênus. O ano, para os romanos, começava em março, durante a primavera, que simbolizava o nascimento

4 Obra do artista Luiz Badia, de 1997.

Foi com o propósito de fazer brotar, de fazer nascer, que durante as primeiras Florálias do LHIA, há quase 30 anos, nasceu e lançou-se a *Revista Phoênix* (ISSN: 1413-5787), que, assim como a força de sua ave homônima, resistiu e ainda resiste às adversidades do tempo e hoje se consagra como uma das mais importantes revistas de História Antiga do Brasil. No final do século XX, no ano 2000, durante a X Florália, cujo tema foi “Por mares nunca d’antes navegados”, um grupo de discentes do LHIA lançou a *Revista Gaia* (ISSN 1517-8919). Uma das primeiras revistas discentes de História Antiga do país.

Na mitologia grega, Gaia é a Mãe-Terra. Ela é apresentada por Hesíodo em sua *Teogonia* como um elemento primordial de potencialidade criadora<sup>5</sup>. É dela que tudo nasce e é nela que tudo se transforma no longo fluxo da vida. Gaia era mãe dos titãs, filhos de Urano e também da titânide Mnemósine (a memória, uma deusa importante aos historiadores), que deu à luz as nove musas, inclusive, Clio, a musa da História. Esse conjunto de representações das divindades gregas e romanas é importante à *Revista Gaia*, pois o nosso trabalho envolve elementos ligados à criação (Gaia), à memória (Mnemósine), à História (Clio), ao saber (Minerva, símbolo da UFRJ), à força e resistência em dias difíceis (Marte) e ao florescer (Flora).

Embora, na mitologia grega, Γαία (Gaia) seja mãe, da qual também brotam as sementes do futuro<sup>6</sup>, aqui, na UFRJ, invertem-se os papéis e ela é, enquanto revista acadêmica, filha da *Phoênix*. A *Revista Gaia*, ao longo do tempo, teve suas dificuldades para se manter ativa e acabou, infelizmente, perdendo a sua periodicidade. No entanto, inspirada na ave que renasce das cinzas, hoje é a Gaia que retoma esse papel, graças ao trabalho incansável de um conjunto de alunas e alunos do LHIA. A *Revista Gaia*, então, renasce e floresce com o importante papel de fomentar a criação e abrir espaço para os estudantes e pesquisadores ainda em formação. É por isso que a *Revista Gaia* é exclusivamente discente, e os artigos ora lançados são de graduandos, mestrandos e doutorandos. As sementes, as folhas e as flores são a identidade simbólica mais cara da nossa Florália. É por isso que as flores e as sementes plantadas e colhidas na XXIX edição do Ciclo do LHIA, na qual a Revista é relançada, estarão na cornucópia da deusa Flora e certamente florirão nos jardins de Gaia.

Os avanços em termos teórico-metodológicos, as descobertas de novos *corpora* documentais e as inovações historiográficas, aliadas ao crescimento dos programas de pós-graduação e às pesquisas nos cursos de graduação — no quadro da Iniciação Científica e dos Projetos de ensino e extensão —, inspiraram a revitalização da *Revista Gaia*, que a partir de agora é editada unicamente em formato eletrônico, com periodicidade semestral, com recebimento de artigos em fluxo contínuo. A Revista retorna com uma nova roupagem e ela pretende, primeiramente, abarcar as produções mais tradicionais de um periódico científico, com a publicação de artigos, resenhas e traduções. No entanto, sua grande novidade — que pode ser observada no número que segue — é o espaço que ela abre para outras linguagens contem-

5 Hes., *Teo.*, 116-133.

6 Segundo Ésquilo em *Eumênides* v.1-5: “Antes de todos os deuses, eu irei venerar e suplicar à primeira profetisa, Gaia; após ela, Thêmis, que, segundo alguns relatos, sentou-se após sua mãe sobre este trono profético.”

porâneas que são muito importantes para fomentar e divulgar os estudos sobre a Antiguidade, como relatos de projetos de extensão e de produtos de História Pública, apresentação de entrevistas, estabelecimento de análise de fontes, discussão sobre a prática docente e, também, apresentação de ferramentas digitais sobre a Antiguidade. Como se pode observar, a Revista Gaia retorna ainda mais plural, interdisciplinar, inclusiva e preocupada com as relações intrínsecas entre ensino, pesquisa e extensão e também preocupada, certamente, com as novas linguagens contemporâneas sobre o *faire l'Histoire* (o fazer História) da Antiguidade. O número em questão procurou abordar as mais diferentes temáticas, temporalidades e espacialidades da Antiguidade e conta com 14 artigos, 3 apresentações de ferramentas digitais, 6 produtos de História Pública e/ou de extensão, 1 produto sobre a prática docente e a Antiguidade e 5 análises de fontes. Esses trabalhos expressam a vivacidade e a qualidade da área de estudos de Antiguidade no Brasil.

Portanto, a *Revista Gaia* retorna para compor os três elementos fundamentais da área de História Antiga da UFRJ — Flora, deidade auspiciosa do LHIA; Phoênix, nossa fonte inspiradora e a própria Gaia, que é relançada no número em questão. Essas três representações mitológicas — sob a égide de Minerva, símbolo da UFRJ e de Clio, musa apolínia da História — ao dar continuidade a um trabalho coletivo, inclusivo e interdisciplinar em tempos cruéis como os nossos, dão provas de resistência e de renovação, como há de ser, para sempre, o conhecimento.

Vida longa à Gaia e sucesso aos discentes que a criaram.